

Angelita Corrêa Scardua  
*Universidade de São Paulo / SCHOLA*  
*- Clínica e Formação Continuada em*  
*Psicologia*

---



---

Psicóloga Clínica (SCHOLA - Clínica e Formação Continuada em Psicologia) e Professora de pós-graduação. Doutora e Mestre em Psicologia Social pela USP, com estágio de pós-graduação em Neurociências e Comportamento pela mesma instituição. Especializada em Psicologia Analítica e nos estudos sobre Felicidade e Desenvolvimento Adulto.

---

CV: <http://lattes.cnpq.br/5901743864707801>

E-MAIL: [angelitascardua@usp.br](mailto:angelitascardua@usp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2129-1180>

---

## Do interior para o exterior: o exílio de Hestia e o lugar do coração na cidade

**RESUMO:** Na Antiguidade Clássica Hestia era a deusa do fogo sagrado que guardava e preservava o estilo de vida das famílias e da civilização. Associada à casa e à cidade, Hestia era tida como o centro e a essência das coisas e do mundo percebido. Essa conexão com a origem relacionava Hestia ao coração. A associação entre centralidade da existência e coração abre inúmeras possibilidades para se pensar a alma da cidade. Uma dessas possibilidades se dá pela via dos elementos arquetípicos que configuram a função de Hestia na ordenação da vida pública e privada como veículo de acesso à sacralidade dos espaços vividos. Nesse sentido, o coração, como fonte imaginal, pode fornecer os recursos para que as exigências

expansivas da vida urbana contemporânea não inibam o poder da imaginação e a busca de significado para a vida.

**PALAVRAS CHAVE:** PSICOLOGIA ARQUETÍPICA, MITOLOGIA, CIDADE, HABITAÇÃO, COTIDIANO, FEMININO.

---

From the interior to the  
outside: the exile of Hestia and  
the place of the heart in the city

**ABSTRACT:** In Classical Antiquity Hestia was the goddess of sacred fire who guarded and preserved the lifestyle of families and civilization. Associated with the house and the city, Hestia was held as the center and the essence of things and the perceived world. This connection with the source related Hestia to the heart. The association between the centrality of existence and heart opens up many possibilities for thinking the soul of the city. One of these possibilities is through the archetypal elements that configure the function of Hestia in the ordering of public and private life as a vehicle for access to the sacredness of the lived spaces. In this sense, the heart, as an imaginal source,

can provide the resources so that the expansive demands of contemporary urban life do not inhibit the power of the imagination and the search for meaning for life.

**KEYWORDS:** ARCHETYPAL  
PSYCHOLOGY, MYTHOLOGY, CITY,  
HOUSING, DAILY LIFE, FEMININE



# Do interior para o exterior: o exílio de Hestia e o lugar do coração na cidade

---

Angelita Corrêa Scardua

Universidade de São Paulo / SCHOLA

- Clínica e Formação Continuada em Psicologia

## HESTIA, A CASA E A CIDADE

Na Antiga Grécia, Hestia era a deusa do coração, e o fogo sagrado que alimentava sua chama era o centro da casa e da vida na cidade. A visão grega – de centralidade baseada no envolvimento com a rotina da vida cotidiana – refletia uma condição psicológica básica, na qual a percepção do mundo girava em torno do espaço vivido: doméstico, conhecido, familiar. Seja em um nível individual ou coletivo, essa percepção posicionava o sujeito no centro do drama da vida e definia, de muitas maneiras, a forma como as pessoas se relacionavam com o lugar que habitavam e com seus habitantes.

No imaginário grego, Hestia ocupava o lugar de protetora das famílias, das moradias e, também, das cidades. Seu culto era muito simples, sendo consagrado pelo pai ou pela mãe nas famílias e

pelas autoridades políticas nas cidades. Sua chama sagrada e perpétua era mantida nos lares, nos templos e no centro político de cada cidade. Hestia simbolizava a permanência e a continuidade da família e da civilização. Nesse sentido, as relações das pessoas com e na cidade assentavam-se na História comum. No passado, eram nos espaços públicos que as histórias das cidades eram feitas, narradas e compartilhadas por quem nelas vivia (Mumford, 2004).

Locais como o Fórum Romano, na Antiga Roma, representavam a centralidade da vida nutrida pelo fogo sagrado de Vesta, o equivalente latino da deusa Hestia. O Fórum, uma grande praça retangular em torno da qual encontra-se a maioria das estruturas arquitetônicas mais importantes da cidade antiga, tais como o Coliseu e o Palácio Imperial, foi por séculos o centro da vida pública romana. Nele aconteciam cerimônias cívicas e religiosas, as eleições, os discursos públicos, os processos criminais e tudo o mais que fazia de Roma uma metrópole efervescente em sua época. É também no Fórum que se encontra o Templo de Vesta (século VII a.C.), onde nutria-se o fogo sagrado considerado a alma da cidade de Roma. O fogo de Vesta era alimentado e cuidado por suas Sacerdotisas, as Vestais. A importância simbólica da perpetuação do fogo de Vesta se dá pelo fato de que se acreditava que ele assegurava aos Romanos que o seu estilo de vida, os seus lares e a sua cidade estavam protegidos e guardados pela Deusa (Worsfold, 2010).

A associação entre Vesta e a estabilidade dos modos de vida conhecidos no imaginário greco-romano está intrinsecamente ligada à origem e função de Hestia. O nome de Hestia tanto significa “essência” como “coração”: a verdadeira natureza de tudo. Ou seja, à Hestia tanto corresponde aquilo que é fundamental na existência, portanto, imutável e natural, quanto o vínculo afetivo produzido pelas emoções e imagens que a constituem. Para os

gregos, a extinção da chama de Hestia equivalia à morte, a uma existência fria e estéril.

Apesar de representar a substância da própria vida, Hestia tornou-se praticamente desconhecida. Há entre estudiosos da Mitologia Grega quem se refira à deusa Hestia como “a deusa esquecida” (Paris, 1991). Talvez isso se deva ao fato de que, ao contrário de outras divindades gregas, Hestia não tem uma “história”. Há pouquíssimos relatos de aventuras que a envolvam. Hestia simplesmente “é”! Não são suas ações que a definem, mas suas virtudes: leveza, suavidade, tolerância, serenidade, dignidade, calma, segurança, estabilidade, acolhimento, perdão, equilíbrio. Ou seja, o que define Hestia são os efeitos de sua presença. As emoções e sentimentos que ela gera e acalenta. Talvez por sua associação com o que é imaterial, por sua intangibilidade, o coração de Hestia foi sendo progressivamente substituído pelo espírito apolíneo.

#### **A TRANSFORMAÇÃO DA CASA E DA CIDADE**

Apolo, ao contrário de Hestia – que representa o centro de si-mesma, da casa, da cidade, do mundo – simboliza a expansão, o deslocar-se para fora. O exílio simbólico de Hestia do Olimpo promove um redirecionamento da visão de mundo e de espaço nele vivido. Move-se de uma percepção da vida centrada no lugar de origem para o entendimento de uma existência heliocêntrica, forjada na razão do conhecimento do cosmos, do que está para além dos territórios familiares, fora das fronteiras baseadas nas histórias narradas pelo senso comum, pelas escolhas imaginativas do coração.

Essa mudança promoveu uma intensa ampliação na cultura e no pensamento humano. Um crescimento no entendimento dos fenômenos naturais, nas leis físicas que regem a vida e o universo,

um alargamento do espaço e dos lugares habitados e percebidos. Tais transformações, que parecem se propagar horizontalmente, tendem, contudo, a desconsiderar a conexão com a dimensão vertical da existência. A dimensão representada pela profundidade das virtudes de Hestia. Virtudes baseadas na experiência do coração e que a circundam como a deusa que está inteira, “um completo dentro de si mesma”, cuja existência se dá na sacralização do espaço interno. Assim, enquanto Hestia encarna o espaço sagrado, onde as pessoas se reúnem e a alma tem um lugar. O espírito apolíneo profana os limites da interioridade, projetando a alma num espaço destituído de centro.

Nas casas e nas cidades modernas, apolíneas, o interior é sacrificado em nome do exterior. As famílias já não se reúnem mais em torno de alguma coisa, seja um fogão ou uma televisão. Cada vez mais as casas vão sendo ordenadas e compartimentadas de forma a isolar seus moradores em cômodos individuais. Pouco se interage nas casas modernas. Não há jardins luxuriantes, nos quais o excesso estético de Afrodite convida a apreciação da beleza. Não há hortas e pomares nos quais a fertilidade de Deméter sinaliza os ciclos da vida. Não há refeições diárias à mesa, preparadas no calor da cozinha, no coração da casa, onde Hestia nutre os corpos e as almas. As casas modernas, assim como as cidades, são espaços que não promovem o convívio, o encontro, a troca, a criação de histórias sobre a existência e a vida. Elas são espaços áridos, regidos pela pureza das linhas retas, pela claridade ofuscante das luzes intensas, quase solares, que querem revelar as sombras, as dúvidas, os segredos, os mistérios da vida.

As cidades modernas oferecem à visão grandes panorâmicas, com edifícios que apontam para o céu, desviando o olhar da terra e do horizonte. Quando olhamos para cima perdemos a intimidade



do contato, nos distanciamos do princípio do centro e perdemos a habilidade de nos concentrarmos em nós mesmos e nos outros. Abandonamos a perspectiva do lugar sagrado onde se cultivava a alma. Retiramos das construções seu arcabouço histórico, sua função de repositório de lembranças pessoais e coletivas. No mundo apolíneo, as edificações ideais são erigidas de forma que não se permita a consolidação das marcas do tempo, como ocorria com as estruturas típicas dos prédios antigos em seus beirais e sacadas (Hillman, 1993). Ao dessacralizar os espaços construídos, sacrificamos o interno em detrimento de um projeto de externo idealizado na atemporalidade, na perfeição mecânica da razão. Banimos a Hestia do centro da casa e da cidade. A perda da centralização de Hestia tem levado a uma fragmentação de nós mesmos, e nossas cidades espelham isso.

#### **HESTIA E HERMES: DO INTERIOR PARA O EXTERIOR**

Um aspecto forte da fragmentação de nós mesmos na cidade moderna talvez seja a conectividade virtual. Hoje, nos centros urbanos, as pessoas, nos espaços privados e públicos, conectam-se no ciberespaço. James Hillman (2007) viu Hermes como a figura arquetípica dominante nas redes de comunicação interconectadas, globais e instantâneas de hoje, das quais a internet é a mais emblemática. Na visão do autor, Hermes é do lado de fora e Hestia é do lado de dentro. Nesse sentido, pode-se pensar que a conectividade permite que Hermes invada o espaço que, anteriormente, era próprio de Hestia. Enquanto Hestia ocupava o epicentro da habitação humana, simbolizando permanência, imutabilidade e centralidade, Hermes está sempre correndo entre os mundos, habitando muitos e diferentes lugares sem pertencer a nenhum deles.

---

#### Capítulo 21

Do interior para o exterior: o exílio de Hestia e o lugar do coração na cidade  
Angelita Corrêa Scardua

É comum encontrarmos o estabelecimento de uma certa complementariedade entre Hermes e Hestia. Eles funcionariam como extremidades opostas de um espectro, mas parte do mesmo conjunto. Por um lado, Hermes sem Hestia torna-se livre. Uma liberdade irresponsável e sem propósitos ou direção. Ele se torna, como a humanidade, vagabundo (Goux, 1983). Por outro lado, Hestia, mantém as coisas ordenadas em casa, com sua atenção focada e disciplinada (Hillman, 2007). Hestia garante o lugar seguro e quieto para o qual o viajante poderá voltar quando se cansar de suas aventuras. O descompasso, a fragmentação, então, pode ocorrer quando a invasão do espaço de Hestia por Hermes – de “dentro” pelo de “fora” – não deixa lugar para o privado, o íntimo, o pessoal e, assim, não se pode retornar à casa porque não há lugar interior para regressar que se diferencie do mundo exterior.

No pensamento grego, uma espécie de casamento simbólico existiu entre Hermes e Hestia, embora Hermes nunca cruzasse seu limiar. Psicologicamente, a união desses deuses tão distintos permitiu a conexão com o coração como o centro. De certa forma, a união de Hermes e Hestia oferece uma representação arquetípica de viver e explorar o mundo exterior criativamente, mas sempre podendo retornar ao interior, ao centro.

No imaginário grego a imagem cultural do centro era a deusa Hestia. Como uma imagem compartilhada socialmente, qualquer indivíduo tinha acesso fácil a referência simbólica do centro: o coração. Naquele contexto, o coração foi descrito como o símbolo da comunidade, do lar. Esse símbolo, enquanto vivo e culturalmente importante, era uma conquista cultural disponível para todos cidadãos, cujo significado anímico povoava tanto a vida individual e privada quanto a coletiva e pública. Um exemplo disso foi a cidade grega de Delphos. Delphos era conhecida

como Omphalos (o umbigo da terra). Os gregos acreditavam que todas as partes da terra giravam em torno deste umbigo, razão pela qual o maior templo da cidade era dedicado à Hestia. Como centro, não apenas simbólico, mas também topográfico, Hestia era um centro de paisagens: um local geográfico, uma cidade, a casa e nossos próprios centros pessoais (Paris, 1991).

Se quisermos recuperar o lugar do centro no imaginário atual, retornando a alma a seu lugar sagrado na vida cotidiana nas casas das cidades, devemos primeiro recuperar o seu órgão: o coração. A imersão na vida significativa, em seu sentido anímico, exige um refinamento da percepção, que deve ser baseada no coração que imagina e sente. O pensamento do coração é o pensamento das imagens. O coração é a sede da imaginação, e esta é a voz autêntica do coração, de forma que se falamos do coração, devemos falar imaginativamente (Hillman, 1979).

Para Hillman, o poder retórico e imaginativo do coração reside em conceber, imaginar, projetar, desejar ardentemente. Sem esse poder do coração somos sequestrados pelas ilusões psicológicas modernas. Perdemos a referência do que é essencial e interno. Quando negligenciamos a imaginação, como fonte de acesso ao que é subjetivo e fundamental, adoecemos. Não é à toa que as doenças cardíacas, assim como o adoecimento afetivo, ocupam tanto espaço na vida urbana contemporânea.

A vida na cidade favorece o adoecimento, não porquê a existência ideal se dá na natureza, mas porque o estilo de vida urbano tem nos afastado do centro. Perdemos o contato com Hestia, desaprendemos a perceber o mundo com o coração, a imaginar. Optamos pelos caminhos expansivos e discriminatórios do espírito apolíneo. Preferimos classificar, categorizar, crescer, planejar e desqualificamos o aguardar, nutrir, cultivar, acolher, preservar.

Com essas escolhas, permitimos a invasão descontrolada de Hermes nos domínios de Hestia e já não conseguimos mais retornar à casa.

A casa na cidade, hoje, é dormitório, passagem. Espaço interno no qual nos mantemos conectados com o externo, e nele projetamos todos os nossos desejos, temores e esperanças. Vivemos fora, mas não é o fora da Ágora grega ou do Fórum Romano. Não é o fora no qual interagimos com os outros olhando nos olhos, trocando informações, ideias, imagens, sentimentos, pensamentos. Não é um fora que nos ajude a dar significado ao dentro. Vivemos fora do centro da vida, e a chama de Hestia já não é mais alimentada no coração dos templos, das casas ou das pessoas.

### **HESTIA E O LUGAR DO CORAÇÃO NA CIDADE E NO IMAGINÁRIO**

Nas cidades contemporâneas, assim como nas casas, e talvez também nas pessoas, o coração perde sua relevância imaginal. O coração já não é mais a fonte do poder de imaginar e de desejar, uma vez que ele há muito deixou de ser o centro. No Imaginário atual o centro da existência passou a ser o cérebro, com seu poder de “revelar” os mistérios por trás dos sentimentos, pensamentos e ações. Nesse universo desvelado não há lugar para o intangível, para o que não possa ser classificado, para o que escapa ao escrutínio apolíneo ou para a urgência comunicativa de Hermes. O centro da existência foi tomado de assalto pelo ordenamento masculino!

Arquetipicamente falando, o espaço feminino, tanto nas casas quanto nas cidades foi sendo progressivamente subjugado pelo masculino. O fogo sagrado de Hestia pouco tem crepitado nos lares. O nutrir, o agregar e o acolher não encontram mais abrigo na vida cotidiana. Cada vez mais, nos projetos arquitetônicos das moradias urbanas, as cozinhas – “O coração da casa” – têm encolhido, tornando-se um

lugar para refeições rápidas preparadas no micro-ondas. Até mesmo os fogões vão perdendo a chama ao serem substituídos pelos cook-tops ou pelos serviços de delivery de comida. O ato de cozinhar, tão próximo das tarefas atribuídas ao reino privado e familiar de Hestia, tornou-se um espetáculo público, no qual experts exibem-se para os convidados nos finais de semana ou nas telas das televisões.

As televisões, que em um passado recente agregavam as famílias em torno de sua luz para o mundo, perderam essa função nas casas. Os habitantes das moradias contemporâneas trocaram as televisões pelos smartphones e pelo egoísmo da “tv” no quarto ao invés de na sala. Não há mais o que congregue a alma das famílias em torno de um centro. Não há mais o deleite dos sentidos, invocado pelas deidades femininas como Afrodite ou Deméter que fazem pulsar o coração seduzido pela beleza ou pela necessidade. Nas casas ou nas cidades, a função utilitária de tudo confere status ao que é mais novo, mais funcional, mais ostensivo. Nas casas e na vida urbana contemporânea, até mesmo a estética tem sido tomada como um recurso de afirmação de poder e de distanciamento do centro.

Quanto mais poderosa e rica for a casa ou a cidade, mais os recursos estéticos considerados agradáveis e desejáveis serão utilizados para afastar o centro. Muitos compartimentos e múltiplas zonas de convívio fazem das belas casas e cidades atuais espaços fragmentados, onde o coração (o centro) é subtraído de seu papel de levar o fluido vital aos extremos do corpo, às vísceras e ao cérebro. É dessa forma que as cozinhas e as salas das casas se esvaziam, tornando-se não-lugares no espaço doméstico, nos quais os moradores apenas transitam ou recebem convidados. Enquanto os quartos e banheiros aparecem como o espaço preferido para a vivência de uma interioridade, ainda que frequentemente conectada com o exterior por meio dos aparelhos eletrônicos.

## Capítulo 21

---

Similarmente, as cidades se organizam em extremos. Contra-pondo os bairros que crescem desordenadamente pelo fluxo contínuo das idas e vindas de “estrangeiros” e não “cidadãos” que trafegam hermeticamente entre os espaços urbanos em busca de suas propagadas oportunidades. Ora nos condomínios, de luxo ou não, cujo planejamento guia-se pela regularidade e pela norma apolínea da simetria que promete segurança e proteção. Assim, os Centros das cidades vão sendo abandonados, com construções malcuidadas e comércio clandestino. A maioria dos Centros das cidades contemporâneas tornaram-se o espaço dos elementos sombrios da sociedade, das figuras que não circulam sob a luz ofuscante do espírito apolíneo ou que não conseguem se deslocar e se comunicar com a desenvoltura de Hermes.

Os drogados, os marginais, os que vivem nas bordas, que não têm lar ou centro, os destituídos de Hestia, passaram a povoar os Centros das cidades. É ainda nos Centros de muitas cidades, porém, que as vidas se cruzam, pelo menos por breves instantes, nas grandes estações de metrô e de trem, nos terminais de ônibus. Um cruzamento instantâneo, que ao invés de minimizar o distanciamento e a fragmentação, expõe. As grandes vias de circulação de pessoas e veículos explicitam como o contato físico diário entre os moradores das cidades já não mais corresponde a um encontro de afetos e de sentidos. Ao contrário, demonstra o crescimento das cidades para as margens e a segmentação das vidas. E isso expõe o coração da cidade, suas veias entupidas nas quais o fluído vital encontra dificuldade para irrigar o centro da existência cotidiana.

O coração adoce com a alimentação empobrecida, com a falta de contato humano significativo, com a correria diária que acelera seu ritmo e embota a percepção de suas necessidades. O coração adoce na cidade conectada, na qual os olhares, agora, se fixam nos

aparelhos celulares e se quer divisam o horizonte ou as linhas verticais das edificações pelas quais poderia se vislumbrar o céu. Ao adoecer, o coração perde seu poder imaginativo limitando a possibilidade de atribuir-se sentido a própria vida.

Hillman (1993) oferece uma perspectiva alternativa para o lugar do coração na cidade. Ao apresentar sua concepção de Alma da cidade, o autor desenvolve o termo grego *aisthesis*, que está associado ao processo de internalização das reações estéticas frente as imagens que nos são apresentadas. Ou seja, ele nos fala sobre a relevância de se apreender as imagens do cotidiano através do coração. Compreender o mundo por meio das emoções que o próprio mundo desperta em nós. Uma compreensão que não é racional, mas um arrebatamento afetivo, um deixar-se afetar. Uma compreensão do mundo na qual imaginar e sentir as coisas ocorrem concomitantemente.

Esse coração capaz de internalizar as imagens do cotidiano não pode ser reduzido às sensações corpóreas. Ele é um coração desejanter e, por isso, imaginativo e criativo. Um coração desperto, animado pela *Anima Mundi*. Nos diz Hillman - “Para sentir penetrantemente devemos imaginar e, para imaginar com precisão, devemos sentir” (Hillman, 1993, p. 17). A perspectiva que ele nos oferece para realocar o coração na cidade, e nas vidas de seus habitantes, exige o resgate da alma que há em cada coisa cotidiana.

O resgate da alma das coisas cotidianas nos leva de volta ao universo feminino de Hestia, no qual a interioridade física do centro oferecia um lugar sagrado para o coração. Nesse espaço sagrado, o coração atribuía sentido à existência pelo acolhimento do desejo e da necessidade de nutrir-se os vínculos, fossem estes entre as pessoas ou com o lugar vivido. Na construção desses vínculos a imaginação dava forma à experiência, individual e coletiva,

colocando o sujeito no centro do drama da vida. Talvez, após as incursões de Apolo e de Hermes no território de Hestia, já não faça mais sentido a perspectiva do cultivo da alma, da cidade ou das pessoas, em espaços físicos sagrados. Talvez, e apenas talvez, o chamado para o mundo exterior nos exija a capacidade de sacralização dos espaços intangíveis da percepção e da imaginação. E talvez, apenas talvez, devamos pensar na alma como uma possibilidade imaginativa sobre o mundo e as coisas, cujo recurso seminal é um coração que deseja e, por essa razão, capaz de criar espaço e sentido de vida onde aparentemente não há.



## REFERÊNCIAS

---

- DOTY, W. (1980). Hermes' heteronomous appellations. In Hillman, J. (ed.). Facing the gods (ch.7). Thompson, CT: Spring Publications, Inc.
- GOUX, J. (1983). Vesta, or the place of being. Representations. No 1: 91-107.
- HILLMAN, J. (1979). The Dream and the Underworld. New York: Harper & Row.
- \_\_\_\_\_. (1991) Psicologia Arquetípica: Um Breve Relato, São Paulo: Editora Cultrix.
- \_\_\_\_\_. (1993). Cidade & Alma. São Paulo: Studio Nobel
- \_\_\_\_\_. (2007). Mythic figures [Uniform edition of the writings of James Hillman, vol. 6.1]. Thompson, CT: Spring Publications, Inc.
- Kajava, M. (2004). Hestia: Hearth, goddess, and cult. Harvard Studies in Classical Philology. No 102:1-20.
- Kerényi, K. (1986). Hermes: Guide of souls. Thompson, CT: Spring Publications, Inc.
- Mumford, L. (2004). A Cidade na História: suas origens transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes.
- Paris, G. (1991). Pagan Meditations: The Worlds Of Aphrodite, Artemis, And Hestia. Putnam CT: Spring Publications.
- Worsfold, T. C. (2010). History of the Vestal Virgins of Rome. Montana: Kessinger Publishing.